

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE:
CONCEITOS INTRÍNSECOS E INTERDEPENDENTES

LANGUAGE, CULTURE AND IDENTITY: INTRINSIC AND INTERDEPENDENT
CONCEPTS

Lidiane Pereira Coelho*

Diana Pereira Coelho de Mesquita*

Resumo: O presente artigo destina-se à discussão sobre a interdependência entre os conceitos de língua, cultura e identidade, ressaltando que tais conceitos estão intrinsecamente ligados, haja vista que a cultura se constitui e se difunde por meio da língua e que é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação do sujeito. Nesse sentido, a língua perpassa tanto a cultura quanto a identidade e é também por elas perpassada, o que faz com que a relação entre estes três conceitos seja imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade se constrói por meio da língua e da cultura.

Palavras-chave: Língua; cultura; identidade.

Abstract: This article is intended for discussion of the interdependence between the concepts of language, culture and identity, stressing that such concepts are inextricably linked, given that culture is constituted and diffused through language and it is also through its occurring processes of identification of the subject. Accordingly, the language involves both culture and identity and is also crossed by them, which makes the relationship between these three concepts immanent, since there is no culture without language and that identity is constructed by means of language and culture.

Keywords: Language; culture; identity.

Palavras iniciais

Aristóteles, em seu tempo, já afirmava que o homem é o único “animal político”, graças à sua capacidade de sociabilidade e civilidade e, principalmente, de linguagem, pois

* Mestranda em Estudos da Linguagem, no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Técnica Administrativa Federal na Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia/MG. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. E-mail: dianamesquita@msn.com

ele possui a palavra (ARISTÓTELES *apud* CHAUI, 2006, p. 147). Observa-se, portanto, que a palavra exerce um poder de cunho político e ideológico sobre cada indivíduo.

Se entendermos a cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55), um modo de vida que é regido pela língua¹, e se compreendermos que, ao longo da vida, o indivíduo passa por constantes processos de identificação e desidentificação com aquilo que o interpela, então, perceberemos que língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação.

Essa tríplice aliança nos acompanha, enquanto seres sociais, desde que nascemos. E, dada a pluralidade que constitui a nós, seres humanos, e à sociedade em geral, e, ainda, aos conhecimentos que são construídos cotidianamente, a cultura, a identidade e a língua se transformam ininterruptamente.

Diante dessas considerações iniciais, este texto pretende refletir sobre como língua, identidade e cultura se imbricam e se completam no espaço da vida individual e social, a partir de uma perspectiva de cunho mais filosófico, balizada pelos pressupostos teóricos de Chauí (2006), Bakhtin (1998, 1997), Eagleton (2005), em interface com os estudos culturais (Bauman, 2005; Hall, 2004; Castell, 2000; Silva 2000).

1. A língua: instrumento de comunicação e interação social

Desde os tempos mais remotos, o homem almejava expressar seus pensamentos e sentimentos. O meio que encontrou para realizar tal intento foi o desenvolvimento da língua. Esse meio permitiu ao ser humano interagir verbalmente com o outro, exteriorizando seus pensamentos, expressando-se, comunicando-se, por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem.

As relações sociais, então, estreitaram-se e as ideias, a cultura, as ideologias e os conhecimentos puderam ser amplamente difundidos. Tudo isso foi possibilitado pela língua que, conforme Hjelmslev *apud* Chauí (2006, p. 148), “é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos”. A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao

¹ Neste trabalho, adotaremos ora a designação linguagem ora a designação língua, de acordo com cada contexto de discussão. No entanto, estabelecemos a distinção entre ambas, sendo, portanto, a linguagem entendida como a capacidade natural que o ser humano possui de se comunicar, seja por meio de palavras, gestos, imagens, sons, expressões, etc. e, a língua, compreendida como o conjunto sistemático de signos, baseado em um certo número de regras e correções, que uma comunidade utiliza para se comunicar.

indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico. Daí reconhecemos ser a palavra, conforme Bakhtin (1997, p. 36), “o fenômeno ideológico por excelência [...] o modo mais puro e sensível de relação social”, dado esse poder que ela possui de encantar, influenciar, conduzir, seduzir, reprimir, entre outros.

Consoante com esta perspectiva, Chauí (2006, p. 155) explica que

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, idéias. [...]

É que a linguagem tem a capacidade especial de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, de nos levar a compreender nossos próprios pensamentos tanto quanto os dos outros que falam conosco. As palavras nos fazem pensar e nos dão o que pensar porque se referem a significados, tanto os já conhecidos por outros quanto os já conhecidos por nós, bem como os que não conhecíamos e que descobrimos por estarmos conversando.

Concordamos com a autora, na medida em que entendemos que a linguagem é hoje a base que sustenta toda a vida social, pois carecemos dela nos vários âmbitos: social, político, religioso, familiar, educacional, ideológico, midiático, econômico, amoroso. Por fim, a linguagem é o que medeia as relações sociais, permitindo que nos inscrevamos neste ou naquele lugar social.

De acordo com Chauí (2006, p. 156), se pensarmos a linguagem em sentido amplo, ou seja, enquanto língua e fala, esta se constitui por quatro fatores: (i) físicos (anatômicos, fisiológicos, neurológicos, motrizes, sensoriais), que nos permitem falar, escutar, escrever e ler; (ii) socioculturais, que determinam a diferença entre as línguas e entre as linguagens dos indivíduos; (iii) psicológicos (emocionais, afetivos, perceptivos, imaginativos, lembranças, inteligência), que incitam a necessidade e o desejo da informação e da comunicação; e (iv) linguísticos, que se referem à estrutura e ao funcionamento da linguagem, determinantes de nossa competência e de nossa *performance* no uso da linguagem. Diante dessa caracterização tão complexa e que envolve fatores que influem diretamente sobre a vida do indivíduo, reconhecemos que a língua não pode ser confundida com um mero conjunto de signos e de regras de combinação desses signos, haja vista ser atravessada por aspectos da ordem do físico, do sociocultural, do psicológico e do linguístico, como destacado acima.

A linguagem, nessa concepção, é um instrumento que permite ao homem expressar-se e interagir com o outro. Ela é viva, uma vez que “vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta*” (BAKHTIN, 1997, p. 124. Grifos do autor), por isso está em contínuo movimento, uma vez que só existe nas relações sociais, que se caracterizam justamente por este processo de movência.

Ainda segundo o autor

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997, p. 107-108)

De acordo com explicitado acima, o indivíduo, ao nascer, é inserido na corrente da comunicação verbal, entretanto, a língua não se configura como algo pronto e acabado, ela está em um contínuo processo de construção. Além disso, em consenso com Bakhtin, reforçamos que os indivíduos são inseridos na teia social por meio da língua. É ela quem vai possibilitar aos mesmos o contato com a cultura, com as ideologias, com as identidades, tornando-se um instrumento para que eles possam interagir linguística e socialmente com seus semelhantes.

2. O conceito de cultura

A cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos. Esse processo é mediado pela língua, que permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações, daí compreendermos que a cultura de um povo constitui-se como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um é uma peça importante na construção cultural, uma vez que é portador, disseminador, mas também criador de cultura. O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes

De acordo com Eagleton (2005), a cultura pode ser entendida como o conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de determinado grupo social. Esse conjunto possibilita ao indivíduo inserir-se e interagir em seu grupo social, pois lhe permite negociar “maneiras apropriadas de agir em contextos específicos” (EAGLETON, 2005, p. 55). Assim, a cultura inclui, conforme o autor, aquilo de que vivemos e aquilo para o

que vivemos, como “Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual” (EAGLETON, 2005, p. 184).

A cultura é, portanto, acumulativa, pois acumula conhecimentos e experiências ao longo das gerações, e é também produção, construção de conhecimentos. Estes conhecimentos e experiências são transmitidos ao homem por seus semelhantes, a partir dessa transmissão são (re)vividos e (re)atualizados, gerando novos conhecimentos e novas experiências. Por isso, a cultura não é resultado da ação isolada de um único indivíduo, mas de uma coletividade e se configura como sinônimo de criação, de aprendizagem e de cooperação. Ela é modificada e enriquecida continuamente, num processo coletivo.

Daí afirmarmos que a cultura é o instrumento que permite a inserção do indivíduo no meio social, pois ela o instrumentaliza a conviver socialmente e a adotar padrões de comportamento aceitos por seu grupo social.

3. Identidade ou identidades?

A sociedade, de forma geral, tem experimentado transformações de ordens diversas (classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, religião etc.). Essas transformações influem em todos os aspectos da vida humana, especialmente nos processos identitários dos indivíduos. Graças a tais influências, um novo conceito despontou no meio acadêmico-científico, o de “crise de identidade”. Hall (2004, p. 7) esclarece sobre a referida “crise” explicando que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” Esta reflexão de Stuart Hall tem permeado a maioria das discussões sobre identidade, nos mais variados campos do conhecimento, pois a “crise” é entendida como um efeito de uma mudança estrutural que vem ocorrendo na sociedade com a pós-modernidade e é “vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2004, p.7).

Observa-se, portanto, um “descentramento” que atinge todos os setores sociais e que vai influir diretamente nas identidades, que estão agora fragmentadas, fluidas. O indivíduo que antes acreditava ser integrado, centrado, uno, dotado de uma identidade unificada e estável, cede lugar ao indivíduo descentrado, fragmentado, deslocado, composto por várias identidades. Segundo Hall (2004, p. 12) “O próprio processo de identificação, através do qual

nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”, essa afirmação contraria a concepção positivista de identidade fixa, essencial ou permanente.

Nesse ponto, acreditamos ser pertinente estabelecer a relação entre identidade e identificação. Conforme Silva (2000, p. 89), a identidade “é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Por isso, ela não é “fixa, estável, coerente, unificada, permanente [...] tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.” (SILVA, 2000, p. 97). Ao contrário, é uma “construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.” (SILVA, 2000, p. 97). Se concordamos com o autor, então, defendemos que a(s) identidade(s) é marcada pela inconstância, uma vez que é uma construção. Tudo que é construído é passível de mudanças, alterações, inclusões.

A identificação, por seu turno, é “construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (SILVA, 2000, p. 106). Diante disso, entendemos que, a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição, ou seja, uma identidade.

Conforme Hall (2004, p. 12-13),

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Diante da explicação de Hall compreendemos que as nossas identificações vão se deslocando ao longo da vida, de acordo com os contextos sociais em que estamos inseridos. Nesse processo, nossas identificações também sofrem transformações, por isso não se pode pensar na identidade “como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento.” (HALL, 2004, p. 38).

A identidade é, portanto, construída, conforme esclarece Castell (2000, p. 23-24),

[...] toda e qualquer identidade é construída. [...] A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

Em consonância com o autor, observamos que a construção da identidade ou das identidades se dá ao longo da vida do indivíduo, uma vez que ele passa por processos de identificação continuamente. Ao se deparar com as identidades que “flutuam” à sua frente, ele se identifica com alguma(s) naquele momento. Entretanto, em outro recorte de tempo ou espaço, pode passar a não se identificar mais com aquela(s) identidade(s) e a identificar-se com outra(s), por isso, diz-se que as identidades não são fixas, ao contrário, são moventes, conforme atesta Bauman (2005, p. 17-18. Grifos do autor),

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

A partir disso, entendemos que, ao longo da vida, identificamo-nos e/ou nos desidentificamos com várias identidades, pois elas estão aí, à nossa frente, negociamos com elas, transitamos entre uma e outra, pois elas não são fixas, ao contrário, se movem, se modificam, se constroem e se reconstroem continuamente.

Bauman (2005, p. 18-19. Grifos do autor) complementa, explicando que

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de idéias e princípios”, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver [...] Poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma “comunidade de idéias e princípios” de cada vez, de modo que a maioria tem problemas semelhantes com a questão da *l'ipséité* (a coerência daquilo que nos distingue como pessoas, o que quer que seja). (BAUMAN, 2005, p. 18-19. Grifos do autor)

Isso quer dizer que todos os indivíduos, enquanto seres sociais integrados a uma comunidade/sociedade, são suscetíveis a mudanças de ponto de vista, a identificações e

desidentificações, a contradições, enfim, ninguém consegue manter-se fiel à apenas um conjunto de ideias e princípios, haja vista conviver em um mundo marcado pela pluralidade, pela fragmentação e pela movência. Não há mais uma identidade única, mas uma “rede de conexões”, como coloca Bauman (2005). Uma rede da qual cada indivíduo faz parte.

4. Língua, Identidade e Cultura: uma relação de interdependência

A relação entre língua, identidade e cultura é imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade é construída por meio desta e da cultura, conforme esclarece Chauí (2006, p. 156):

Há um vaivém contínuo entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade (as coisas, os fatos, as pessoas, as instituições sociais, políticas, culturais), o pensamento (as idéias ou conceitos como significações) e a linguagem (as palavras, os significantes) são inseparáveis, suscitam uns aos outros, referem-se uns aos outros e interpretam-se uns aos outros.

Podemos concluir disso que a língua existe antes de nós e, certamente, continuará existindo depois de nós. Nós a encontramos formada e em funcionamento, pronta para ser usada, daí seu caráter social. Somos incluídos nesse sistema, utilizamo-lo para nossas interações comunicativas, e sabemos que ele persistirá depois de nossa morte. Ela se configura como produto cultural e histórico, e é utilizada para representar, de forma oral ou escrita, nossos pensamentos, sentimentos, sensações, emoções, percepções. Ela é, portanto, fundamental para compreendermos a identidade de um povo num determinado contexto social.

A língua, assim como a identidade e a cultura, também sofre transformações, por inserir-se na teia das relações sociais. Frente às mudanças que atingem vertiginosamente a sociedade em todos os setores, ela não poderia isentar-se desse movimento.

Ela faz parte da cultura de um povo, haja vista pertencer a este povo. O indivíduo não cria a língua, ele apenas faz uso de um bem que é social. É uma relação de imbricação, haja vista que a língua é a manifestação de uma cultura e, ao mesmo tempo, precisa de uma cultura que lhe dê suporte, sendo, também suporte para uma cultura. Ela é, portanto, a expressão da cultura, uma vez que se constitui como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, afinal, as experiências sociais só são transmitidas por meio da língua.

Segundo Hall (2004, p. 50-51. Grifos do autor),

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

A partir desse enunciado, podemos observar a inter-relação entre cultura, língua e identidade, haja vista que a cultura só se constrói por meio da língua e, ao produzir sentidos sobre algo, constrói identidades. Essas identidades só adquirem significado com base em um conjunto de atributos culturais que se relacionam mutuamente e que se sobressaem com relação a outros atributos.

Por isso, segundo Bakhtin (1998, p. 29), não se deve

[...] imaginar o domínio da cultura como uma entidade espacial qualquer, que possui limites, mas que possui também um território interior. Não há território interior no domínio cultural: ele está inteiramente situado sobre fronteiras, fronteiras que passam por todo lugar, através de cada momento seu, e a unidade sistemática da cultura se estende aos átomos da vida cultural, como o sol se reflete em cada gota. Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras: nisso está sua seriedade e importância; abstraído da fronteira, ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre.

Bakhtin reforça, portanto, o caráter de movência da cultura. Ela, assim como a língua e a identidade, não é algo fixo, determinado e acabado. Está em processo de constituição, uma vez que é produzida por seres sociais que estão em constante processo de interação, inseridos em uma sociedade que passa por transformações em todos os setores (político, econômico, científico, social, ideológico, cultural, etc.).

Conforme o autor, se dotarmos a palavra de tudo o que é próprio à cultura - as significações culturais cognitivas, éticas e estéticas -, observaremos que “não existe absolutamente nada na cultura além da palavra, que toda a cultura não é nada mais que um fenômeno da língua” (BAKHTIN, 1998, p. 45). O que o autor quer nos dizer é que a palavra é o que move a cultura, que lhe dá sustentação. Assim, compreendemos que não há cultura sem língua, nem língua desprovida de cultura. Não há identidade desvinculada da língua, nem língua que não pressuponha a construção de uma identidade, pois, conforme Bakhtin (1998, p. 46), “Não há enunciados neutros, nem pode haver”, afinal, “A palavra é o fenômeno

ideológico por excelência” [...] ela é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 1997, p. 36). A palavra é a mediadora de toda relação social.

De acordo com o autor,

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Destarte, este enunciado nos incita a compreender que a palavra é o meio pelo qual a cultura e a identidade se constroem e se disseminam. Ela é a mediadora da relação entre o homem e a cultura e entre este e as identidades.

Considerações finais

Após as discussões empreendidas, reforçamos que há uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade, haja vista que a língua identifica o indivíduo como parte de uma sociedade, inserindo-se, portanto, na cultura desta sociedade. O indivíduo, enquanto parte dessa sociedade, compartilhando sua cultura, está em constante processo de construção identitária.

Como ser social, ele é marcado por uma necessidade abissal de interagir com a realidade em que está circunscrito, pois necessita comunicar-se com o outro. Por meio desta comunicação, ele partilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. Portanto, a língua de um grupo social é parte de sua cultura.

A identidade é fluida, movente e está em constante processo de construção, assim como a língua e a cultura, que, apesar de possuírem um corpo sistemático que as constitui, não são herméticas, prontas e acabadas. Nesse sentido, tanto a língua, quanto a cultura e a identidade fazem parte do processo de constituição do indivíduo em sujeito.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo : Hucitec, 1997.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTELL, M. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAUÍ, M. A linguagem. In: _____. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.

EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Artigo recebido em maio de 2012.

Aceito em agosto de 2012.